



ANÁLISE DO DISCURSO: SEM MODELO PADRÃO

Cláudia Santos da Motta – PG/UEMS

Resumo: Este artigo propõe algumas reflexões sobre a linguagem observando como ela acontece e quais seus efeitos sobre o outro. Assim recorreremos à teoria da Análise do Discurso considerando as condições de produção do enunciado e as formações ideológicas do sujeito. Ao analisar tais pontos para a construção de sentidos observamos eventos de questões subjetiva e históricas fatos que proporcionam condições imprevisíveis caracterizando a ausência de um modelo padrão ou único para a Análise do Discurso.

Palavras-Chaves: linguagem, Análise do Discurso

Introdução

Sabemos que um dos aspectos que nos diferencia dos outros animais, basicamente, é a fala, um fenômeno físico, concreto e individual. Os bichos se comunicam emitindo sons próprios de cada raça, eliminando odores do corpo, circulando sobre alimentos ou a própria fêmea, avançando e etc., nós utilizamos a língua como mediadora das relações humanas. Construída arbitrariamente por convenções sociais, é viva e evolui com o uso e com as novas necessidades de comunicação das gerações.

A Língua Portuguesa também acompanha a renovação e a evolução das línguas¹³. Gilberto Mendonça Teles, escritor e crítico goiano, em sua poesia modernista “Língua” tratou da origem e da evolução da língua portuguesa, em seus versos livres também fez referência à normatização e o quanto se tornou mais flexível e encerra com os versos “Um elástico assim como é a vida / que

¹³ A fase do Português moderno inicia-se a partir do século XVI, quando a língua se uniformiza, adquirindo as características do português atual. A literatura renascentista portuguesa de Camões, desempenhou papel fundamental nesse processo de uniformização. Em 1536, o padre Fernão de Oliveira publicou a primeira gramática de Língua Portuguesa, a "Grammatica de Lingoagem Portuguesa". Seu estilo baseava-se no conceito clássico de gramática, entendida como "arte de falar e escrever corretamente".



nunca volta ao ponto de partida”, através desta metáfora compara a língua à vida e o fato de que se modificam com o tempo e não voltam mais ao que eram antes.

Todo o ser necessita se comunicar, para o homem, a linguagem possibilita o acesso ao outro; outro sujeito, outra realidade, significa pertencer ao mundo. A maneira para se fazer entender e estabelecer uma comunicação evoluiu ao longo do tempo. No período anterior ao uso da língua de maneira universal, os gestos, grunhidos e a linguagem corporal tinham um forte apelo, o filme “Guerra do fogo”¹⁴ de 1981 ilustra bem este fato, quando relata uma história no período Paleolítico, tendo a linguagem corporal como principal forma de comunicação e o contexto como fator determinante para a compreensão.

Os indivíduos que não podem recorrer à fala para realizarem a comunicação por alguma deficiência como os surdos e/ou mudos utilizam outra forma, por exemplo, a Língua Brasileira de Sinais¹⁵. Assim como as línguas orais - auditivas, a Libras possui um léxico, os sinais, que surgem, basicamente, da articulação das mãos, expressão facial e corporal, apresenta gramática para combinar as frases e, como característica significativa de uma língua, evolui de acordo com a necessidade e varia conforme as diferenças culturais, sociais e regionais.

E o que dizer daquela comunicação especial, àquela estabelecida entre uma mãe e um filho portador de necessidades especiais e que não desenvolveu a fala e nem faz uso de sinais convencionais? Nestes casos, geralmente, a comunicação é feita por meio de olhares, sons, comportamentos e pequenos gestos observados e construídos diariamente de acordo com a necessidade e a capacidade de cada um que, a seu modo, expressa um desejo, um sentimento, um incômodo, uma satisfação, enfim, comunica-se por meio da linguagem que a situação permite.

O fato é que os indivíduos sempre encontram uma maneira de se comunicar, é, na verdade, uma necessidade e mesmo não sendo de maneira convencional, a comunicação acontece, pois é algo essencial para a vida, não se trata apenas de troca de informações, é uma forma de integração. O que se pretende é provocar, estabelecer uma interação, causar um efeito e uma reação no outro seja de resposta ou de ação.

¹⁴ *La Guerre du Feu* feito na França e no Canadá, rendeu à produção dez prêmios, sendo um deles o Oscar, além de sete outras indicações nos anos de 1982 e 1983.

¹⁵ No ano de 2002 foi oficialmente reconhecida e aceita como segunda língua oficial brasileira, através da Lei 10.436, de 24 de abril de 2002.



Assim, a linguagem, sistema de formas e símbolos, expressada por meio da fala e da escrita (linguagem verbal) ou de outros signos convencionais (linguagem não verbal) ou não, constitui o pensamento e nos liga ao mundo nos colocando na posição de sujeitos. É isso mesmo, sem a linguagem não teríamos acesso à realidade que está a nossa volta.

Interessante, é o que acontece com a linguagem que os adolescentes e jovens utilizam, dominam e expandem, o internetês. Ela surgiu da necessidade de uma comunicação virtual mais rápida e dinâmica e baseia-se, principalmente, na abreviação e economia de palavras considerando basicamente o fonema, e na utilização de símbolos.

Por algum tempo algumas pessoas se sentiram isoladas, talvez, excluídas desta realidade, parecia um mundo impenetrável para os adultos, até condenavam o uso tentando inibir a prática e a evolução. Mas devido à necessidade de manter um monitoramento e um controle do que os filhos, alunos e protegidos fazem na internet ou movidos pela insatisfação de estarem “fora”, aos poucos foram se familiarizando com a máquina, a rede e com essa nova linguagem e “entraram nesse mundo”.

No entanto, a linguagem não é transparente, é opaca, desta forma, só se consegue compreender o indivíduo levando em consideração as condições de produção do enunciado, não é possível atravessar o texto para ver o sentido do outro lado. É com este olhar que surge a Análise do Discurso.

Foi na década de 60, no século XX que iniciaram as teorias sobre a Análise do Discurso. Os estudos surgiram do espaço de questões criadas entre a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. O que estava em questão era a interpretação, então as noções de sujeito, de linguagem e de língua foram ganhando novas contribuições e entendimentos rompendo com as teorias do século XIX. Eni P. Orlandi considera em seu livro *Análise do Discurso: princípios e procedimentos* (2005) que a AD:

“Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele.” (página 20).



Seria fácil estabelecer um modelo para a interpretação, se a língua fosse apenas uma estrutura, mas para a Análise do Discurso trata-se de um acontecimento que, diferente da Linguística, não trabalha com a língua fechada nela mesma, mas sim com o sócio-histórico e com um indivíduo ideológico.

Esta concepção foge ao estruturalismo de Saussure porque considera o sujeito como elemento importante nas condições de produção, o objetivo não é simplesmente descrever a língua sem considerar o contexto e até mesmo o falante. A teoria de Chomsky passa perto quando se preocupa com os mecanismos envolvidos na produção, mas logo se distancia ao considerar o processo de comunicação homogêneo, acreditava-se que determinado tipo de sujeito produzia determinado tipo de discurso, desconsiderando que não existe sociedade e nem falante ideal.

Somente nos estudos de Pêcheux, com a necessidade de explicar as condições além do enunciado, que novos estudos foram pensados, a questão da interpretação começa ser discutida e analisada e o sujeito considerado juntamente com as condições no momento de produção e sua formação ideológica fruto das relações sociais.

Assim, para a Análise do Discurso não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. Entende-se por ideologia, no sentido neutro, o conjunto de ideias, normas e visões de mundo próprias de uma pessoa, de um grupo, de uma associação, de uma época.

Somos sujeitos ideológicos, vivemos as ideologias que escolhemos, acreditamos e defendemos e as que, sutilmente, nos são impostas. Karl Marx¹⁶, em sua visão crítica sobre o termo, defendia que ideologia nada mais é do que uma relação de dominação - o objetivo da classe dominante era manter os mais ricos no controle do poder - que mascara a realidade e produz falsa consciência.

Esta concepção é retomada e ampliada por Althusser ao defender que a ideologia é produzida nos Aparelhos (repressivos) de Estado - AE: o governo, a administração, o exército, a prisão e etc.; e nos Aparelhos Ideológicos de Estado - AIE: família, religião, escola, cultura, meios

¹⁶ Karl Marx (1818 –1883) foi filósofo e revolucionário alemão. Criou as bases da doutrina comunista, onde criticou o capitalismo. Sua filosofia exerceu influência em várias áreas do conhecimento, como Sociologia, Política, Direito, Teologia, Filosofia, Economia, entre outras.



de comunicação, empresas, política e etc.. Em seu livro *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado* (1970), Louis Althusser discorre sobre a diferença fundamental entre os Aparelhos: “o Aparelho repressivo de Estado funciona pela violência, enquanto os Aparelhos Ideológicos de Estado funcionam pela ideologia.” (página 46). Há uma predominância no funcionamento dos Aparelhos, mas eles geralmente trabalham simultaneamente.

De acordo com o autor, a ideologia produzida e reproduzida pelo AE e AEI, está embutida na consciência e tem, como função principal, garantir e normatizar as práticas sociais e a coesão nas atividades dos indivíduos, trata-se de uma submissão às regras ou, ainda, uma sujeição à ideologia dominante.

“É por intermédio da ideologia dominante que é assegurada a harmonia (por vezes precária) entre o Aparelho repressivo de Estado e os Aparelhos Ideológicos de Estado, e entre os diferentes Aparelhos Ideológicos de Estado.” (1970, página 56).

O fato é que a ideologia é o resultado das relações entre os indivíduos, assim somos incutidos por várias e diferentes formações discursivas, logo o sentido do que dizemos não está na palavra, vem das formações ideológicas que se misturam, se transformam e emergem materializando o discurso.

Por meio destas concepções vemos que a AD reflete sobre a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua. Assim, o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, ou seja, ninguém fala enquanto nada e todos falam de algum lugar. No entanto, sem submeter-se a língua, o indivíduo não se constitui em sujeito. Desta forma, não há sentido e nem sujeito sem o assujeitamento à língua, à história e à cultura.

Não inventamos uma língua, somos assujeitados a ela e não temos controle e nem consciência de como esta nos afeta e de como se constitui em nós. Neste sentido, nosso estado de liberdade é afetado novamente¹⁷, pois desta relação com a linguagem também mantemos nossa

¹⁷ A condição de liberdade é parcial, uma vez que ao exercermos o poder de escolhas ou de livre arbítrio, de alguma forma estamos presos. O limite é sempre o outro.



condição de existência e se caso recusarmos utilizá-la ou desistirmos dela, nossa liberdade parcial será suspensa, visto que perderemos a nossa condição de sujeito.

Para a Análise do Discurso a história é algo inconsciente, não nasce no indivíduo, é feita por ele. A AD baseia-se na reflexão sobre o empírico e pensa o sentido no tempo e espaço, em movimento com o mundo. Defende que o homem é um sujeito afetado pela história que constitui relação com a língua na história. Assim, esta relação homem – linguagem – realidade torna possível a permanência, a continuidade, o deslocamento e a transformação do indivíduo e da realidade em que vive. Este processo é contínuo e imprevisível.

O acontecimento discursivo, então, é resultado de um produto histórico e de um acontecimento histórico, e só é possível conferir sentido a partir do discurso e da relação com o outro. É algo material e nos afeta, seu efeito é transparente. Desta análise surge a concepção de interdiscurso, o discurso emerge da reação vinda de outro. Para exemplificar, podemos imaginar uma situação de paquera, de sedução, um indivíduo investindo em uma conquista saberá pela reação do outro se o discurso utilizado está dando certo ou se deverá ser modificado.

Assim, não há um esquema de comunicação linear, comum e completamente planejado como coloca Eni P. Orlandi em seu livro *Análise do Discurso: princípios e procedimentos* (2005):

... a língua não é só um código entre outros, não há essa separação entre emissor e receptor, nem tampouco eles atuam numa sequência em que primeiro um fala e depois o outro decodifica, etc. Eles estão realizando ao mesmo tempo o processo de significação... (página 21).

Além disso, a relação linguagem – pensamento – mundo não é unívoca e nem tampouco a realidade do sujeito é previsível, somos regidos pelo inconsciente.

Desta forma, as relações de linguagem são, antes, relações de sujeitos - evidências subjetivas - e de sentidos, portanto os efeitos podem ser múltiplos e variados. Não há regras de funcionamento ou um sistema para desenvolver discursos, há movimentos da língua, do sujeito e da história.



O sentido não tem nada de próprio, está na relação de fatos ocorridos em determinado tempo e espaço. Este contexto não é possível prever, ensaiar ou sistematizar, assim, um mesmo acontecimento histórico pode dar origem a enunciados diferentes e construir acontecimentos discursivos distintos. Um enunciado pode se repetir, mas não terá o mesmo efeito, esta determinação não é uma fatalidade, ela é histórica.

As múltiplas interpretações são possíveis porque movimentam sujeitos que ao mobilizarem suas memórias, de acordo com as relações sociais, produzem novos significados aos enunciados. A memória não pode ser considerada apenas um reservatório de imagens como coloca Michel Pêcheux no livro *Papel da memória* (1999):

... “é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra - discursos.” (página 56).

O efeito ou eficácia do discurso é relativo, interpela o sujeito em maior ou menor grau dependendo das suas próprias ideologias ou da sua condição de alienação, ou seja, não é possível exigir do sujeito o que não fora colocado nele, isto pode ou não mudar o rumo da comunicação e o teor do discurso. Desestabilizado, por meio de um debate, uma discussão, o sujeito também pode mudar a sua opinião, o seu discurso.

Outra consideração interessante é o fato de que o discurso e a prática nem sempre correspondem, saber e viver o discurso são aspectos diferentes. Um pedido de desculpas, por exemplo, pode não estar sendo realmente vivido pelo sujeito, esta conduta é determinada pelas relações e cobranças sociais.

Esta forma individualizada, também constituída pelas relações com as instituições, é o que produz o sentido, assim os significados podem ser diferentes dependendo da posição do indivíduo e de sua formação ideológica e discursiva. Vejamos um exemplo, um brasileiro que não aprecia e não acompanha o futebol, certamente, não considera a Copa do Mundo no Brasil da mesma maneira que um adorador do esporte, os discursos produzidos por estes indivíduos serão diferentes. Assim,



quando um indivíduo fala, marca o seu espaço social, o seu lugar na condição de produção e o sentido do enunciado.

Pensemos no seguinte enunciado “Gostosa é a vida”. No primeiro momento parece apenas uma demonstração de satisfação com a vida, mas só é possível conferir o verdadeiro sentido e efeito desta enunciação após esclarecer o contexto em que foi proferido. Este enunciado estava estampado em um cartaz durante uma marcha realizada em Campo Grande no ano de 2012, a Marcha das Vadias. O movimento faz parte de um protesto que iniciou em Toronto no Canadá no ano de 2011 e foi reproduzido em várias cidades, luta contra a violência, principalmente sexual, contra a mulher e protesta a opinião de que as vítimas de abuso sexual provocam a violência pelo seu comportamento.

Esta enunciação teve uma marca histórica, um local, ou seja, determinada condição de produção, e o indivíduo possuía o seu lugar marcado, suas influências ideológicas afirmadas, isto que determinou o sentido e o efeito do discurso. Para Pêcheux (2008) não se pode analisar o discurso sem considerar sua estrutura e o acontecimento ao qual dá origem, ou seja, a ordem da língua, da história, em sua articulação e funcionamento e o sujeito subjetivo é o que constitui o discurso.

Este movimento faz parte do processo de formação e de identificação do sujeito, assim compreender a subjetividade através da historicidade é experimentar compreender o sujeito.

Esta tentativa de entendimento do sujeito é comprometida justamente porque discurso e sujeito são contraditórios. Somos regulares em algumas coisas, mas não lineares, o mais contraditório e incoerente ainda, é que buscamos nos discursos certa linearidade para nos conferir uma relativa tranquilidade ou regularidade nas nossas relações.

Considerações

Verificamos por meio destas observações que tratar da AD vai além da língua, é observar o sujeito considerando suas concepções biológicas, psicológicas e sociais, questões totalmente



subjetivas e históricas e que se transformam a todo o momento, portanto são imprevisíveis, assim como o sujeito, logo, estabelecer um modelo padrão para a interpretação proposta pela Análise do Discurso não é possível.

BIBLIOGRAFIA BIBLIOGRÁFICAS

Althusser, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado. Lisboa : Editorial Presença, 1970.

Orlandi, Eni Puccinelli. Análise do Discurso: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 6ª edição, 2005.

Pêcheux, Michel. O discurso: estrutura ou acontecimento. Tradução Eni P. Orlandi, 5ª edição. Campinas, SP : Pontes Editores, 2008.

Pêcheux, Michel e outros autores. Papel da memória. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas, SP : Pontes, 1999.

Pêcheux, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni P. Orlandi, 3ª edição. Campinas, SP : Unicamp, 1997.

Webgrafia:

<http://www.soportugues.com.br/secoes/portuguesHistoria.php> - Acesso em abril

http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Guerra_do_Fogo - Acesso em abril

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm - Acesso em abril

http://www.e-biografias.net/karl_marx/ - Acesso em abril